

## AS EXPERIÊNCIAS DO ESPAÇO DA VIDA COTIDIANA E SUAS EXPRESSÕES NO MUNDO DO TRABALHO: NOVOS REFERENCIAIS PARA A MOBILIZAÇÃO SOCIAL?\*

FERNANDA KEIKO IKUTA\*\*

**Resumo:** Não só as experiências do mundo do trabalho são transportadas para a vida cotidiana, numa captura da subjetividade do ser social como um todo e sua completa subordinação à organização do modo de vida capitalista. Mas de igual maneira, vemos a materialização de experiências que apreendem dimensões constituídas no cotidiano, como a solidariedade, a cultura, a saúde e a educação, e que as levam para as relações de produção. Mas as experiências da esfera da re-produção são efetivamente capazes de interferir e mudar aspectos da esfera da produção ou são mera repetição desta última? Se de fato se transplantam expressões da esfera da re-produção para a esfera da produção, vemos concretizar-se neste movimento tanto a apropriação e cooptação de experiências do cotidiano para a produção capitalista, como a apropriação destas expressões da vida para uma produção que talvez possa ser considerada como alternativa à produção para o capital e que vem sendo introduzida por mobilizações ou movimentos sociais que se anunciam como construtores de novos referenciais. Cabe indagar, se estas experiências são apenas adaptações ou reformas dentro da lógica capitalista ou podem estar construindo um projeto societário alternativo que busque a reapropriação da totalidade das condições sociais de existência usurpadas pelo modelo atual.

**Palavras-chave:** esfera da re-produção, produção capitalista, produção alternativa, subjetividade

\* O presente texto, com algumas alterações e adequações, baseia-se na seleção de uma parte do debate que levantamos no intuito de contribuir para repensar a questão da re-produção das relações de produção no capítulo 3 de nossa dissertação de mestrado intitulada “A questão da moradia *para além de quatro paredes*: uma reflexão sobre a fragmentação dos momentos sociais da produção e da reprodução”.

\*\* Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho – CEGeT. *e-mail*: ferikuta@hotmail.com

**N**a sociedade urbana, onde hoje reina o descartável, o consumo fetichizado, estranhado, impede que os que produzam tenham acesso aos bens produzidos. 1/3 da força humana de trabalho se torna prescindível, é o fim do emprego formal e com direitos, ou seja, vivenciamos uma intensificação do processo de alienação e estranhamento enquanto distanciamento do trabalhador das condições de vida. Neste contexto, delineado pelas novas exigências do capital e a expansão do seu controle para todos os âmbitos da vida e não somente no trabalho, vemos efetivar-se a crise dos sindicatos, dos movimentos sociais e comunitários, numa agudização do *ensimesmamento*, individualismo, competitividade, debilidade e falta de perspectiva de classe, conformismo, apatia, institucionalização e cooptação de suas práticas organizativas. Todavia, a problematização que lançamos no presente texto é nos perguntarmos se a partir desta crise da sociabilidade, é possível, ao mesmo tempo e contraditoriamente, anunciar-se alguma potencialidade de questionamento, necessidade de ruptura e, conseqüentemente, movimentos sociais, associativos e sindicais combativos.

A crise dos sindicatos dos trabalhadores, das associações de moradores<sup>1</sup>, dos movimentos sociais, etc., decorre da nova investida do capital na subjetividade do trabalhador que é afetada como um todo. Se na sociedade fabril o controle societal estava mais restrito à própria fábrica, agora o sistema global

de controle se espalha por todo o terreno social. Neste sentido, se as experiências do mundo do trabalho são transportadas para a vida cotidiana<sup>2</sup>, o movimento contrário também é uma realidade, pois as experiências e representações do cotidiano também são transportadas para o trabalho, para a esfera da produção. Mas ao serem levadas para o mundo do trabalho, as experiências do cotidiano não são igualmente cooptadas pelo capital?

Com a reestruturação produtiva, é a subjetividade do trabalhador que deve ser organizada e dominada. Com este objetivo, o capital hoje utiliza a estratégia de trazer aspectos, experiências do cotidiano para as relações de trabalho e, desta maneira, a apreensão da subjetividade do trabalhador se amplia. Abaixo listamos alguns destes exemplos em que o capital utiliza, em seu projeto (porque na verdade, o objetivo é garantir a produtividade e a competitividade capitalista), as virtudes de comprometimento, confiança, solidariedade, cooperação, criatividade e ajuda mútua, constituídas e vivenciadas no cotidiano, para a subsunção da subjetividade do trabalhador à sua lógica:

- as *redes de cooperação política* onde os novos produtores devem ser capazes de comunicar e de intervir no trabalho de equipe;
- os modelos “participativos” de gestão da produção implantados com os CCQs (Círculos de Controle de Qualidade);
- a participação nos lucros e resultados (PLR) das empresas<sup>3</sup>;

<sup>1</sup> Na nossa dissertação de mestrado, tomando como ponto de partida para refletir sobre a fragmentação da práxis social, discutimos as experiências das Associações de Moradores e dos Sindicatos dos Trabalhadores de Presidente Prudente com vistas à questão da moradia e, corroboramos que estas entidades tem uma práxis fragmentada que é resultante da sociabilidade do capital que afeta e divide a vida dentro e fora do trabalho.

<sup>2</sup> No capítulo 2 da referida dissertação, destacamos algumas experiências do trabalho que foram transplantadas para a vida fora dele, para a esfera da reprodução.

<sup>3</sup> Medida regulamentada no Brasil em dezembro de 1994, pela edição da Medida Provisória 794/94, a partir da qual a organização sindical e as relações trabalhistas

- a “cultura de empresa”, ou seja, a forma como o trabalhador se sente responsável direto pelo desenvolvimento da empresa.

A educação, a saúde e o lazer, também são aspectos da esfera da vida/re-produção que o capital se empenha em apropriar em benefício da sua acumulação:

- No campo da educação: os cursos de formação continuada de capacitação, qualificação e requalificação para o mercado de trabalho; a apropriação do conhecimento técnico-científico através das parcerias entre as empresas, os órgãos de pesquisa e fomento e as universidades – *empresas junior*, fundações, etc.;
- Na saúde: a aplicação da ergonomia, pois a organização do trabalho deve ser a mais metódica possível a fim de que a relação entre homem e máquina seja perfeitamente regrada para que se possa aproveitar ao máximo o tempo de trabalho;
- No lazer: os produtos e as mercadorias culturais – indústria musical, de cinema, de jogos; o lazer (consumo) padronizado dos *shopping centers*; os dias em que as empresas “abrem as portas” para os trabalhadores junto à

família poderem desfrutar de diversões no espaço da fábrica e até participarem de sorteios dos bens que eles mesmos produzem (carros, geladeiras, etc.).

Posteriormente, apresentaremos algumas experiências concretas que têm características completamente contrárias às citadas anteriormente. São experiências em que dimensões da esfera da re-produção são apropriadas para a produção, mas para uma produção que se diz alternativa, ou seja, são dimensões da esfera da re-produção que, de certa maneira, transformam a esfera da produção.

Mas antes, instigados ainda pelos exemplos acima, queremos ressaltar a seguinte indagação: será que realmente não há nenhum projeto societário alternativo, ou tentativas mínimas de reapropriação das condições de existência usurpadas pelo modelo atual? Há autores que expõem que os mesmos processos que, para uns intensifica a despossessão e a exploração, contêm a potencialidade para a reapropriação da subjetividade dos trabalhadores. Se algo se anuncia, se tratará de uma reapropriação da totalidade, do conjunto das condições sociais de existência, ou se tratará mais de uma adaptação, de reformas dentro do sistema capitalista, ou melhor, dentro da lógica do capital? Que experiências podemos



Edvaldo Carlos de Lima

que experiências podemos citar? Elas serão apenas uma tendência ou estão se constituindo enquanto uma perspectiva? Não temos o intuito de resolver esta polêmica, mas podemos sinalizar algumas tendências.

sofreram mudanças em suas características. A maioria dos acordos está vinculada ao cumprimento de metas.

Alguns autores defendem que com o aumento do trabalho imaterial<sup>4</sup>, ao ampliar o comando político da sua produção, o trabalhador passa a portar a capacidade para intervir nas relações sociais através, por exemplo, das redes de cooperação produtiva<sup>5</sup>. A idéia defendida é de que esses novos produtores, imateriais, precisam se comunicar e intervir no trabalho de equipe, o que depende da circulação de informações. São as redes informacionais que, para Ramos (2002), suplantaram o abismo que separa as informações operacionais das informações estratégicas, e que, por isso, têm o potencial de superação das divisões hierárquicas. Como vimos, acredita-se, então, que:

*o trabalho hoje se  
transforma em  
trabalho imaterial  
e a força de  
trabalho em  
intelectualidade  
de massa*

As chamadas novas tecnologias da informação (NTIC) são fontes de potencialidades ‘revolucionárias’ para a humanidade, uma vez que podem suscitar a emergência de uma sociedade pós-mercantil, superando mesmo as democracias mercantis mais desenvolvidas. (RAMOS, 2002, p. 35)

Lazzarato e Negri (2001) expõem que o trabalho hoje se transforma em trabalho imaterial e a força de trabalho em *intelectualidade de massa* (há uma releitura do que Marx chama de *general intellect*). E da intelectualidade de massa pode devir um sujeito social e politicamente hegemônico, que não tem a necessidade de passar pela “maldição do trabalho”: os estudantes, por exemplo. Outro aspecto importante é que para os autores, a constituição antagônica já não se determina a

partir dos dados da relação capitalista, mas a partir da ruptura com esta.

E diante das objeções de autores que afirmam que o trabalho de tipo antigo é ainda muito importante na sociedade atual e que o trabalho sobre a forma do *general intellect* tende a ser hegemônico apenas em poucas áreas, Lazzarato e Negri respondem que:

Se a passagem à hegemonia do novo tipo de trabalho não aparece mais que como tendência, e se o colocar em evidência de uma tendência não deve confundir-se com a análise de conjunto, ao contrário, uma análise de conjunto não tem valor mais que na medida em que está esclarecida pela tendência que preside a evolução. (p. 7)

Estes pressupostos sobre a predominância do trabalho imaterial que promove uma intelectualidade de massa, potencialmente revolucionária hoje, nos remetem a buscar, então, exemplos de constituição de lutas, experiências de mobilizações sociais, em geral, com novos referenciais e nos questionar sobre suas verdadeiras potencialidades, sobre as críticas que fazem ao sistema, sobre as propostas que levantam e as práticas que adotam. Este exercício nos permite pensar se há ou não novas perspectivas que anunciam uma outra práxis social que não a fragmentada e fetichizada<sup>6</sup>.

Além desta perspectiva trazida pelos defensores de que a intelectualidade de massa possa chegar um dia a ser anti-capitalista, podemos apontar a existência de experiências concretas em que algumas dimensões da reprodução são capazes de incutir certas mudanças na produção. Experiências que, de certo modo, nos estimula a refletir sobre a potencialidade transformadora da esfera da reprodução.

<sup>4</sup> Para uma leitura aprofundada sobre esta temática ver: LAZZARATO e NEGRI (2001).

<sup>5</sup> A respeito ver: Ramos, 2002.

<sup>6</sup> A exemplo do que pudemos conferir nos casos dos Sindicatos dos Trabalhadores e das Associações de Moradores de Presidente Prudente estudados na dissertação já referida anteriormente.

Seguramente, há um sem número de diferentes experiências que podem nos propiciar uma rica reflexão sobre toda a complexidade que os envolve. Todavia, dentro dos nossos objetivos cabe apenas descrever alguns exemplos que resgatamos para apresentarmos o leque de diferencialidades que as constitui enquanto projeto político. São exemplos de experiências que, em geral, se auto-declaram, como construtoras de um projeto alternativo, mas que, na verdade, variam, por exemplo, em relação à opção de incluírem-se ou não na economia de mercado, na dependência ou independência institucional, na articulação ou não com outras entidades, etc., ou seja, no projeto e rumo político tomado.

Vamos aos exemplos:

- **Assentamento Anita Garibaldi/ Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST**<sup>7</sup>: o Movimento associa a luta pelo trabalho com a luta pela moradia como instrumento de formação política. Busca ter uma prática política independente da via institucional, partidária e governamental e defende a ruptura com o atual sistema. A tática utilizada é a ocupação (acampamento). O Assentamento Anita Garibaldi (organizado em maio/2001, localizado em Guarulhos/SP, com 2000 famílias) é uma das experiências deste Movimento no país. Possui uma proposta diferente de organização do assentamento, o Rururbano<sup>8</sup>, que é uma saída criada para

a subsistência imediata das famílias; a idéia rompe com os limites impostos pela divisão administrativa de centro-periferia, ultrapassa a separação cidade-campo.

Trabalham com as famílias em núcleos que têm como objetivo a criação de uma cooperativ

*associa a luta pelo trabalho com a luta pela moradia como instrumento de formação política*

a mista que atenda desde a produção à prestação de serviços, sem ser uma política inclusiva: *não é do tipo de incubadora do tipo da economia solidária, desta do Paul Singer, uma vez que nós somos pela ruptura (...). Isso tudo...visa a sobrevivência, mais ou menos racionalizada* (defende uma liderança em entrevista à revista *Crítica marxista*, n.14, p. 146). A comunidade é organizada através de uma certa ruptura com a forma de política representativa e possui um projeto de urbanização do assentamento inovador.

- **Conjunto Palmeiras/Banco Palmas**: Com 30 mil moradores, o Conjunto Palmeiras, uma favela localizada na periferia de Fortaleza/Ceará, é resultado de uma ocupação de terras. A comunidade morava, inicialmente, na beira-mar, mas teve de abandonar a região por causa da expansão imobiliária. Quando chegaram, o local era um grande pântano. Ao longo dos

<sup>7</sup> Para mais detalhes cf. O assentamento Anita Garibaldi. *Crítica marxista*. São Paulo: Boitempo, n° 14. p. 134 – 149. Entrevista; e <www.mtst.org>

<sup>8</sup> O assentamento rururbano é uma proposta de organização do território com o objetivo de formar uma comunidade de resistência e de luta com uma nova forma de convivência social no urbano. Tem como características:

1) Assentamentos localizados entre o perímetro urbano e o rural de maneira que não se fixem tão distantes dos centros urbanos para não perder acesso à infra-estrutura da cidade;

2) Organização em núcleos dos trabalhadores, distribuídos por setores de trabalho (educação, saúde, cultura, etc.);

3) Espaço para produção agrícola de subsistência e de hortas medicinais com o propósito de gerar trabalho;

4) Área livre para uso social com barracões coletivos (farmácia, escola, secretaria, galpão para atividades culturais, etc.). (Cf. <www.mtst.org>)

anos, em regime de mutirão, foram construindo o bairro. O *Banco de Palmas*, criado em 1998, é uma experiência desenvolvida pela Associação de Moradores com o objetivo de garantir micro-créditos para a produção e o consumo locais, a juros baixos, sem exigência de consultas cadastrais, comprovação de renda ou fiador. Os vizinhos são os que dão garantia ao credor, atestando se ele é ou não responsável e se pode assumir os gastos.

O banco oferece quatro modalidades de crédito: para a profissão (voltado

*combate à  
pobreza com  
desenvolvimento  
local*

para pequenos negócios), para o consumo (financiamento para compra), o Palma Casa (para pequenas reformas em moradias) e o crédito para mulheres em situação de risco (é a *Incubadora Feminina*, um projeto de segurança alimentar, iniciado em outubro de 2000 com o objetivo de inserir socialmente mulheres em situação de risco pessoal e social). No campo de crédito para consumo, o Banco Palmas utiliza um *cartão de crédito próprio*, aceito exclusivamente pelo comércio local. O Banco criou empresas como a *Palma Fashion* (comércio de vestuário) e a *Palmalimp* (de material de limpeza), e a *Palmart* (confeção de artesanato). A idéia é formar uma rede em que cada empresa, com seu excedente, possa abrir outra empresa, de modo que a comunidade dependa o menos possível do mercado externo. Existe também um *Laboratório de Agricultura Urbana*, onde os moradores aprendem a fazer hortas e pomares e a criar peixes e galinhas caipiras (depois, o projeto passa a ser desenvolvido nos quintais das casas;

tudo o que é produzido é consumido pelas famílias e o excedente é comercializado na feira). O Conjunto também possui uma *moeda própria* (que não é indexada a nenhuma outra, o que define o valor do Palmares, como é chamada, é a hora trabalhada e os insumos para fabricação de determinada mercadoria), que é empregada nas reuniões quinzenais do *Clube de Trocas Solidárias*. Outra experiência desenvolvida é a chamada *compras coletivas* em que os moradores do Conjunto Palmeira e de mais 18 bairros de Fortaleza realizam compras coletivas. Trata-se de uma forma de adquirir produtos da cesta básica que são comprados no atacado, unindo-se a verba das famílias participantes, conseguindo-se assim preços mais acessíveis. O Banco também criou a *Escola de Socioeconomia Solidária* (PalmaTech), cujo objetivo central é oferecer capacitação gerencial e profissional, na perspectiva da Socioeconomia Solidária, desenvolver formas de sensibilização para a cultura da solidariedade e difundir a metodologia e os produtos criados pelo Banco em sua estratégia de combate à pobreza com o desenvolvimento local<sup>9</sup>.

- **Federación Uruguay de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua – FUCVAM:** a Federação é constituída por mais de 300 cooperativas de base, em distintas etapas de desenvolvimento, com presença em

<sup>9</sup> Mais detalhes ver: O desafio de transformar o inabitável. **Revista Sebrae**. Disponível em: <[http://200.252.248.103/sites/revistassebrae/07/tema-decapa\\_05.htm](http://200.252.248.103/sites/revistassebrae/07/tema-decapa_05.htm)> Acesso em: 20/06/2003; Socioeconomia solidária: transformando as relações de produção e consumo. **La insignia**. Disponível em: <[www.lainsignia.org/2002/mayo/econ\\_060.htm](http://www.lainsignia.org/2002/mayo/econ_060.htm)> Acesso em: 20/06/2003; Banco de Palmas. Disponível em: <[www.flem.org.br/cadernosflem/Artigos/Cadernos5/Cadernos5-BancoPalmas.pdf](http://www.flem.org.br/cadernosflem/Artigos/Cadernos5/Cadernos5-BancoPalmas.pdf)> Acesso em: 20/06/2003.

praticamente todas as cidades do país. Em finais de janeiro de 1998, estavam integradas à FUCVAM aproximadamente 16.000 famílias de salários considerados baixos e médios para o padrão do país (entre 400 e 900 dólares mensais), representativas de um amplo segmento de trabalhadores das mais diversas origens. A princípio as cooperativas estavam constituídas majoritariamente por setores operários industriais, trabalhadores do setor de serviços e empregados públicos com alto índice de sindicalização. Mas cada vez mais surgem cooperativas integradas majoritariamente por trabalhadores do chamado setor informal da economia. A FUCVAM tem três áreas de ação: No *plano gremial*, atua no sentido de solucionar o problema habitacional dos trabalhadores a partir de uma perspectiva integral, não se limitando à produção de moradias, mas dando lugar à elaboração de propostas e mobilização em torno das reivindicações gremiais (acesso à terra, canais de financiamento, condições de amortização) e sempre na perspectiva de pensar a solução da moradia no contexto de reivindicações por uma superior qualidade de vida dos trabalhadores em geral (daí sua unidade e ação coletiva junto à outras forças sociais). No *plano social*, o aspecto básico das cooperativas agrupadas é a participação das famílias na solução coletiva da problemática habitacional (trabalho solidário na construção das moradias, administração autogestionária



Edvaldo Carlos de Lima

das obras e convivência mediante programas de desenvolvimento social e comunitário dos complexos habitacionais). No *plano educativo* desenvolve programas orientados pela metodologia da Educação Popular. A propriedade da moradia é coletiva, ou seja, o sócio da cooperativa é um usuário, o que garante a concepção da moradia como um bem social e não como mercadoria<sup>10</sup>.

As três experiências que relatamos associam, cada uma a sua maneira, moradia e trabalho. São experiências, que de certa forma, tentam reivindicar mais que a casa em si ou a simples regularização da terra urbana que ocuparam. Têm a compreensão de que não é possível ignorar a questão do desemprego e que, portanto, é preciso incorporar em suas organizações a garantia da subsistência através do trabalho. No caso do MST e da FUCVAM, fazem da proposta de produção uma via para a formação política, de conscientização da necessidade de se ampliar o conjunto das condições de existência dos trabalhadores. Já a experiência do Conjunto Palmeira é um projeto que reproduz os esquemas do mercado ainda que busquem fortalecer a solidariedade dentro da comunidade.

Além destas, poderíamos citar ainda experiências como a dos trabalhadores argentinos que unificaram vários setores em sua luta, inclusive desempregados, e trouxeram a luta da fábrica para o bairro<sup>11</sup>; a *Universidade Popular*

<sup>10</sup> Cf. <[www.chasque.net/fucvam/fucvam1.htm](http://www.chasque.net/fucvam/fucvam1.htm)> e Chavez (1990).

<sup>11</sup> Comentamos sobre esta experiência no final do capítulo dois da nossa dissertação. Cf. também CECEÑA apud GONÇALVES (2002).

coordenada pelas *Mães da Praça de Maio*<sup>12</sup>; a *Farmácia Viva* e a *luta contra os transgênicos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*<sup>13</sup>; as chamadas *redes de consumidores responsáveis*, onde a produção está determinada/condicionada pelos consumidores, isto é, consumidores e produtores estão integrados, através da produção e consumo solidários<sup>14</sup>; os projetos editoriais alternativos como o *projecto editorial Traficantes de Sueños* de Madri/Espanha que realizam a edição e distribuição de materiais por meios próprios e com o objetivo maior de difundir experiência e conhecimentos que estejam firmados em um pensamento crítico diante das concepções dominantes, o “pensamento único”<sup>15</sup>; as emissoras de *rádios livres, comunitárias e culturais*<sup>16</sup>; as *ocupações de fábricas* que passam a ficar sob o controle dos trabalhadores como alternativa ao fechamento das empresas e garantia do emprego na Argentina<sup>17</sup>; etc.

Poderíamos ainda estar citando mais um sem número de diferentes experiências. Mas nos interessa mais ressaltar que estas experiências, em geral, transformam dimensões constituídas no cotidiano, na esfera da reprodução, como a cultura e o lazer (os projetos editoriais, as rádios livres), a educação (Universidade Popular das Mães da Praça de Maio), a solidariedade (cooperativas mistas de produção e serviços, economias populares e/ou solidárias), a saúde (ervas medicinais, luta contra os transgênicos) para aplicá-las à produção. E aí, os resultados são diversos. Vimos que há desde experiências que têm como princípio ser anti-capitalista, em

detrimento das experiências que são reformistas. A experiência do Assentamento Anita Garibaldi, a luta contra os transgênicos do MST, que se a princípio pode ser definida

*A sociabilidade do capital precariza as relações do ser social em todos os âmbitos, nas relações de produção e de reprodução, isto é, tanto dentro como fora do trabalho*

como uma luta ética, este movimento respalda tal reivindicação com a luta contra o capitalismo, por exemplo, estão mais próximas de serem efetivamente contra-hegemônicas, de terem princípios não-capitalistas, do que as experiências de Economia Solidária ou de

constituição de um Banco local.

Essas experiências, umas mais outras menos, tendem a constituir-se a partir de novos referenciais. As experiências do Assentamento Anita Garibaldi do MTST, do Conjunto Palmeira e da FUCVAM partem da questão da moradia e, a partir dela, tentam dar um passo além da predominância do imediato como objetivo de suas organizações.

### Considerações finais

A sociabilidade do capital precariza as relações do ser social em todos os âmbitos, nas relações de produção e de reprodução, isto é, tanto dentro como fora do trabalho. Todavia, a práxis de grande parte dos movimentos sociais e/ou outras entidades ainda está delineada pela predominância do imediato na consciência social, as demandas sociais estão fragmentadas em lutas singulares (específicas) e a perspectiva de classe ausente, já que a totalidade do ser

<sup>12</sup> Ver: <www.madres.org>

<sup>13</sup> Sobre a *Farmácia Viva*, experiência de produção de remédios fitoterápicos das mulheres assentadas em Itapeva/SP Cf. LERRER In: <www.pt.org.br/san/farmaciovivamst.doc> e sobre os transgênicos, ver: PINHEIRO (1999) e GORGEN (2000).

<sup>14</sup> Ver, por exemplo: MANCE (1998 e 2000).

<sup>15</sup> Ver: <www.alteediciones.com/b.htm>.

<sup>16</sup> Para experiências como esta na Espanha ver <www.geocities.com/CapitolHill/2838/contacto.html>

<sup>17</sup> Ver: <www.erqi.hpg.ig.com.br/jornal/17/controlobrero.htm>; <www.erqi.hpg.ig.com.br/jornal/17/petras.htm>

social está escamoteada. Essa barreira inibe a ampliação das lutas sociais.

Mas como pudemos apontar neste texto, há algumas experiências que sinalizam uma tentativa de construir novos referenciais. É preciso, então, avançar na compreensão destas novas experiências e mobilizações sociais que estão surgindo.

Por isso, se não nos cabe responder neste momento histórico sobre a potencialidade transformadora destas, podemos acompanhar e observar se elas vão se delineando a partir de uma outra práxis social capaz de superar a fragmentação e, quem sabe, sem deixar de perspectivar a unificação orgânica como necessidade para que os trabalhadores possam reapropriarem-se da totalidade das condições sociais de existência, num embate frontal com o capital.

De qualquer forma, é preciso considerar a capacidade que estas experiências têm de transformar aspectos da esfera da produção através de dimensões constituídas na esfera da re-produção, comprovando que a esfera da re-produção não é mera repetição ou duplicação da produção.

### Referências bibliográficas

GONÇALVES, C. W. P. **Da Geografia às Geografias**: um mundo em busca de novas territorialidades. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Disponível em: <[www.cibergeo.org/agbnacional/documentos](http://www.cibergeo.org/agbnacional/documentos)>. Acesso em: maio/2002.

GORGEN, S. A. (org.) **Riscos dos transgênicos**. São Paulo: Vozes, 2000.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial e produção de subjetividade**. Rio

de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFEBVRE, H. **A re-produção das relações de produção**. Porto: Escorpião, 1973.

LERRER, D. F. **A Farmácia Viva das mulheres do MST**. Disponível em: <[www.pt.org.br/san/farmaciovivamst.doc](http://www.pt.org.br/san/farmaciovivamst.doc)>. Acesso em: 01/07/03.

MANCE, E. A. **A Revolução das Redes - A Colaboração Solidária como uma Alternativa Pós-Capitalista à Globalização Atual**. In: \_\_\_\_\_. [S.l.: s.n.], 1998. Disponível em: <[www.rbc.org.br/redes/revolu%E7%E3o%20das%20redes.doc](http://www.rbc.org.br/redes/revolu%E7%E3o%20das%20redes.doc)>. Acesso em: abril/2003.

O assentamento Anita Garibaldi. **Revista Crítica Marxista**. São Paulo: Boitempo, n° 14. p. 134 – 149. Entrevista. RAMOS, M. H. R. Mutações tecnológicas portadoras de novas potencialidades: as redes de cooperação política. In: RAMOS, M. H. R. (org.) **Metamorfoses sociais e políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 35 – 64.

O desafio de transformar o inabitável. **Revista Sebrae**. Disponível em: <[http://200.252.248.103/sites/revistassebrae/07/temadecapa\\_05.htm](http://200.252.248.103/sites/revistassebrae/07/temadecapa_05.htm)> Acesso em: 20/06/2003.

PINHEIRO, S. **Transgênicos: o fim do gênesis**. POA: Fundação Juquira Candirú. 1999.

RAMOS, M. H. R. e BARBOSA, M. J. de S. Globalização, novas relações econômicas e impactos em cidades brasileiras. In: RAMOS, M. H. R. (org.) **Metamorfoses sociais e políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 85 – 111.

Socioeconomia solidária: transformando as relações de produção e consumo. **La insignia**. Disponível em: [www.lainsignia.org/2002/mayo/econ\\_060.htm](http://www.lainsignia.org/2002/mayo/econ_060.htm)> Acesso em: 20/06/2003.



### **The experiences of the space in daily life and its expressions in the Labour World: new references for the popular mobilization?**

**Abstract:** The experiences of the Labour World are carried the daily life in the course of an apprehension of the social-being's subjectivity as a totality and its completely subordination of the capitalism way of life organization. Similarly we can observe the materialization of experiences contained into the dimensions built in the daily as solidarity, culture, health and education, which are carried to the production relations. Anyway, are the experiences in the reproduction sphere able to infer and change the aspects of the productions sphere? Or, are they a meagre repetition of this one? If we really carry expressions of the reproduction sphere to the production sphere, we can observe the concretization of the appropriation and cooptation of the experiences of daily life to the capitalist production in that movement. In the vein of the appropriation of these expressions of life to a production, this can perhaps be considered as alternative of the production to the capital. This appropriation is being introduced by social movements and mobilizations announced themselves as the builders of the references. We could explore if these experiences are simply adaptations or reforms inside of the capitalist logical or if they can be building an alternative social project.

**Key-words:** reproduction sphere, capitalist production, alternative production, subjectivity.

### **Las experiencias del espacio de la vida cotidiana y sus expresiones en el mundo del trabajo: ¿nuevos referentes para la movilización social?**

**Resumen:** Las experiencias del mundo del trabajo no solo son transportadas para la vida cotidiana, en una captura de la subjetividad del ser social como un todo y su completa subordinación a la organización del modo de vida capitalista, sino que, de igual manera, vemos la materialización de experiencias que aprehenden aquellas dimensiones constituidas en el cotidiano, como la solidaridad, la cultura, la salud y la educación, y que las llevan para las relaciones de producción. De todas maneras, ¿las experiencias de la esfera de la re-producción son efectivamente capaces de interferir y mudar los aspectos de la esfera de la producción o son mera repetición de ésta última? Si de hecho se transplantan expresiones de la esfera de la re-producción para la esfera de la producción, vemos concretarse en este movimiento tanto la apropiación y cooptación de experiencias de lo cotidiano para la producción capitalista, como la apropiación de estas expresiones de la vida para una producción que tal vez pueda ser considerada como alternativa a la producción para el capital y que viene siendo introducida por movilizaciones o movimientos sociales que se anuncian como constructores de nuevos referenciales. Podríamos indagar, si estas experiencias son apenas adaptaciones o reformas dentro de la lógica capitalista o pueden estar construyendo un proyecto societario alternativo que busque la reapropiación de la totalidad de las condiciones sociales de existencia usurpadas por el modelo actual.

**Palabras clave:** esfera de la re-producción, producción capitalista, producción alternativa, subjetividad